



# Os guerreiros do imaginário

## Entrevista de Abdellatif Chaouite<sup>1</sup> com Patrick Chamoiseau<sup>2</sup>

Traduzido do francês por:

Eric Brun  
*Universidade Estadual de Feira de Santana*  
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Milenna Brun  
*Universidade Estadual de Feira de Santana*  
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Trecho de uma entrevista com Patrick Chamoiseau, por Abdellatif Chaouite realizada na ação « Fazer o mundo com o Outro », iniciada pela *Maison des Passages* (Lyon) no contexto do Contrato Urbano de Coesão Social, publicada no periódico **Ecarts d'identité**, Grenoble: n°112, p. 25-34, junho, 2008.

**A. Chaouite:** Patrick Chamoiseau, você é um escritor com uma obra importante e é martiniquês. Além desses dois títulos, você é próximo de Edouard Glissant<sup>3</sup>. Mas você também tem uma experiência como trabalhador social. Tudo isto compõe uma herança rica e sensível, especialmente no que concerne uma questão que atravessa sua escrita: a diversidade. Eu proponho caminhar um pouco no seu universo semântico em relação a essa questão, tentando precisar o contexto, as problemáticas e as posturas... Podemos

<sup>1</sup> Psicólogo e antropólogo. Redator chefe da Revista *Ecarts d'identité*.

<sup>2</sup> Excerto de uma entrevista com Patrick Chamoiseau, por Abdellatif Chaouite realizada na ação « Fazer o mundo com o Outro », iniciada pela *Maison des Passages* (Lyon) no contexto do Contrato Urbano de Coesão Social. Acesso: [http://www.revues-plurielles.org/\\_uploads/pdf/6/112/ei\\_112\\_chamoiseau.pdf](http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/6/112/ei_112_chamoiseau.pdf)

<sup>3</sup> Édouard Glissant foi um escritor, poeta, romancista, teatrólogo e ensaísta martiniquês. Doutor em Letras, elaborou o conceito de antilhanidade (valorização da cultura própria, nascida nas Antilhas, considerando o povo das ilhas culturalmente “autônomo” em relação à África) e de criouliização (valorização da cultura e língua crioulas).

\* Psicóloga pela Universidade Federal da Bahia (1989) e Doutora Em Didactologia de Línguas e Culturas Estrangeiras - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (1998). Atualmente é professora titular do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: [milennab@uefs.br](mailto:milennab@uefs.br).

\* Educador em culturas-línguas, Doutor em Cognição, Linguagem, Educação pela Université d'Aix-Marseille. Professor Assistente de Língua, cultura e literatura francesas da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: [e-brun@hotmail.com](mailto:e-brun@hotmail.com).



evocar o contexto por palavras que se tornaram atuais: “mundialização”, “globalização econômica”, tele-tecnologias, etc. No seu universo semântico você fala de “mundialidade”. Começemos por aí.

**P. Chamoiseau:** Sim. Primeiramente eu diria que nesse assunto é preciso desconfiar das definições. Porque nós estamos diante de uma tal complexidade e de uma tal imprevisibilidade [...] que nós devemos desenvolver uma poética que nos permita viver o imprevisível, viver o impensável e viver as complexidades. Isto faz com que nós devamos até definir sem definir. Eu gosto muito da ideia de indefinir as coisas em vez de defini-las. Então, se eu arrisco a algumas abordagens desses diferentes termos, eu diria que seria, acima de tudo, as indefinições. Isto dito, a palavra “mundialidade” foi proposta por Edouard Glissant. Ele desenvolveu esta ideia para nos distinguir do conceito de “mundialização”. Porque é verdade que quando nós tomamos consciência de que a globalização econômica estava criando um mundo único, eu diria quase um mercado único, houve tentativas de resistência a esta mundialização econômica pela recusa da mundialização. Algumas resistências tiveram o sentimento de que para lutar contra a mundialização econômica era necessário recriar espaços nacionais, tornar as culturas impermeáveis, etc. todos os integrismos, os fundamentalismos, as resistências que eu chamaria de regressivas foram organizadas e tentavam, face à mundialização, recuperar uma estabilidade ou uma certeza anterior. Então, Glissant propôs esta ideia de mundialidade porque nós percebemos que para lutar contra a mundialização, contra uma atividade da globalização econômica do capitalismo de produção e do capitalismo financeiro, precisávamos utilizar a presença no mundo e que aquele que se retirava do mundo para lutar contra esses processos de globalização entrava em um processo de asfixia. Ele mesmo se privava do oxigênio contemporâneo, a saber, o oxigênio da totalidade-mundo. Então, a mundialidade permite nos opor a estes processos mortíferos da globalização, baseados em processos absolutamente assustadores que evidenciam pobreza, desenvolvem riquezas absolutamente insensatas e colocam em perigo os grandes equilíbrios naturais à base do ser vivo e de toda a espécie humana. Então, aí, devemos entrar em um processo de resistência, aceitando a idéia do mundo, aceitando a idéia de que doravante nossas culturas, nossas línguas, nossas preocupações, nossas inquietações, nossos sonhos, nosso amor têm uma escala global que é a escala da totalidade-mundo. Devemos ter esta perspectiva da terra pátria da qual nos fala Edgar Morin. Temos doravante uma pátria que é a terra e é nela que devemos organizar ao mesmo tempo nossa projeção e nossa resistência. Não devemos recusar a ideia da totalidade-mundo porque me parece que nossas culturas caminharam para ela. Quando vemos o processo de aglutinação do Sapiens, ele começa fazendo clãs, hordas e tribos e depois chegamos às sociedades arcaicas que são sociedades que conseguem se organizar sem Estado, e quando a complexidade se torna cada vez mais importante nessas aglutinações, aparece a necessidade de um poder central, e de um Estado, e então de sociedades históricas. A partir deste momento, nós percebemos que mesmo se não houvesse ocorrido esta projeção do Ocidente sobre o mundo, que é também um motor

da globalização, teríamos tido ainda assim um movimento de complexificação progressiva das entidades antropológicas [...]. De toda maneira, as culturas, as civilizações e as identidades chegariam a um nível de percepção global delas mesmas, de sua infinita complexidade. Então, esta seria a ideia da mundialidade, esta consciência quase poética, quase sensível, quase natural que nós temos progressivamente e que se desenvolve ao longo dos avatares da história. A consciência de que nós fazemos parte de uma realidade mundial e de que tudo que existe em termos de culturas são produções humanas que estão ligadas entre si e que a terra, finalmente, é a culminância do mais alto nível de consciência que nós podemos ter de nós mesmos, pelo menos no nível da percepção do fato antropológico. Então, a mundialidade seria esta percepção deste conjunto que nos é tão necessário hoje e que nós não podemos recusar. É útil porque uma ideia como esta nos possibilita polir novamente nossas ferramentas, nossas práticas e nossas armas para nos opor às práticas de globalização econômica que são mortíferas sem, no entanto, recusar o oxigênio do mundo.

**A. Chaouite:** É uma ideia que parece concordar com a ideia Kantiana de um mundo finito e múltiplo. Ela traduziria igualmente e de uma maneira atual, a ideia Kantiana do “cosmopolitismo”?

**P. Chamoiseau:** Penso que a ideia do cosmopolitismo supõe uma noção de culturas que seriam relativamente estáveis nelas mesmas, de culturas que disporiam de um imaginário absoluto. E o cosmopolitismo seria esta espécie de percepção benevolente de uma justaposição de identidades quase de essência civilizatória ou “racial” nas quais as complexidades podem se constituir a partir de suas vedações. Não temos de maneira nenhuma esta perspectiva. Mas é verdade que a ideia do cosmopolitismo já era um avanço maravilhoso, um oxigênio fundamental em relação às antigas divisórias que instauravam os imaginários absolutos.

**A. Chaouite:** As palavras que circulam hoje para nomear estas complexidades são multiculturalismo, transculturalidade e interculturalidade. Você tem suas próprias escolhas entre essas palavras. Pode precisá-las para nós?

**P. Chamoiseau:** Existem duas possibilidades para avançar. Ou nós tomamos um termo dando-lhe uma extensão total ou justa e neste momento pouco importa o termo. Ou então, nós desconfiamos do que este termo transporta no sentido de um freio à extensão e tentamos propor uma complexidade suplementar, semântica ou léxica. Disto isto, não são as definições mais uma vez que são importantes. O que é verdadeiramente importante é a ideia que fazemos deste termo. Então, quando ouço “interculturalidade como arte de viver”, como você usa no seu livro, estou de acordo. Mas, a palavra *interculturalidade* remete à ideia de que existem duas ou três culturas que vamos aproximar e estabelecer entre elas pequenas passarelas ou um processo de inter-retroação entre entidades que seriam inicialmente completamente autônomas. Se, por outro lado, dizemos *multiculturalidade*, isto retoma a ideia de cosmopolitismo, é o mesmo princípio com várias entidades. Isto quer dizer que tentamos organizar presenças bem dissociadas. O que já é um avanço considerável em relação aos absolutos nacionais. Mas se entramos na ideia da

complexidade, então aparece a ideia do trans. A multitransculturalidade é o termo que uso mais frequentemente a fim de mostrar que o que nos interessa, não é conceder uma organização ou colocar em interação várias entidades relativamente estáveis ou herméticas, mas o que se passa na zona do contato, a zona de ebulição, a zona caótica, a zona da desordem, a zona de desorganização-reorganização. É que é neste espaço do trans que se situa a poética do mundo contemporâneo. É este espaço do trans que nos precipita nas angústias, no desejo de raiz única, de rejeição do Ocidente, de rejeição do mundo, de fechamento na sua língua ou na sua cultura, em todos os tradicionalismos que conhecemos. Esta perturbação provém do termo trans. É por isso que uso este termo. Mas, uma vez que o compreendemos e que, ao caminhar através destes termos, aceitamos a ideia de multiplicidade cultural já como uma base a partir da qual nós devemos organizar nossa sociedade e nosso desenvolvimento pessoal [...], caminhamos para um termo que me parece mais interessante, que é o de imaginário da diversidade. O que chamo de imaginário é a concepção que fazemos de nós mesmos e que é quase não formulada, quase natural, e que vai além da imaginação e que determina nosso saber-ser, nosso *savoir-faire*, nosso querer-ser, nossas ações, nosso senso do justo, do belo, do bem, do mal, tudo o que faz pontos de relação que nós podemos ter conosco mesmos, com os outros e com o mundo. Eu diria que o imaginário é este feixe de relações feito de solidariedades, de responsabilidades, de amor, de vontade, de justiça, de desejo pessoal, de vontade de viver por si, de viver com e para os outros, etc. Todas essas noções que fazem a complexidade humana constituem um quadro mental, quase um líquido amniótico do indivíduo, e determinam sua ação. Então, se nós conseguimos sair do imaginário monolítico da raiz única e entrar numa perspectiva na qual as coisas se tornaram complexas, percebemos que o imaginário monolítico deve ceder lugar, nos espaços complexos que são os nossos, a um imaginário da diversidade, a um imaginário com uma raiz rizomática, como afirma Glissant segundo o famoso conceito proposto por Deleuze.

**A. Chaouite:** Eu me encontro pessoalmente totalmente na abordagem que você propõe, inclusive no desvio da indefinição que possibilita falar melhor da complexidade...

**P. Chamoiseau:** Mas eu gostaria que você evocasse a ideia de arte de viver que acho interessante.

**A. Chaouite:** Sim. De uma maneira sintética, eu diria que a ideia de arte de viver remete para mim justamente a este espaço do inter, da confrontação, da turbulência ou da desordem, como você dizia. Eu tentei definir este espaço como uma espécie de peça com duas facetas. Uma faceta crítica ou conflituosa e uma faceta criativa. A arte de viver consiste de certa forma em utilizar a energia da confrontação conflituosa para criar novas realidades que são inevitavelmente interculturais. Nisto, eu me encontro na maneira como você faz derivar com Glissant o reencontro e mesmo a confrontação para uma “poética da relação”. Eu diria mesmo em direção a uma política da relação. Esta derivação nos permite repensar o essencial: a construção da relação.

**P. Chamoiseau:** Edouard Glissant e eu temos caminhos muito peculiares. Somos crioulos americanos, então nascemos em sociedades inicialmente mosaicas oriundas do

choque criado pelo encontro entre sociedades indígenas e colonialistas ocidentais. Logo depois, eles trouxeram escravos africanos, eles próprios provenientes de uma diversidade étnica inacreditável. Em seguida, houve as contribuições dos imigrantes provenientes da Índia, da Ásia, etc., portanto, nós temos realmente uma espécie de caldo antropológico de culturas absolutamente assustador que vai dar em coisas novas. Coisas, a princípio, taxadas de ilegítimas, depreciadas, mas que vão deixar progressivamente sua complexidade transparecer. Então, quando a consciência vai aparecer nesses espaços que são nossos, a ideia de negritude vai ser fundadora, na medida em que tudo que está ligado aos negros e à África era completamente desvalorizado anteriormente, para o benefício de uma espécie de esplendor ocidental branco. Então, Césaire<sup>4</sup> nos recupera a África e quando o pensamento de Glissant começou a se formar, ele disse “tudo bem a África”, nós não podemos compreender as complexidades americanas sem o alicerce africano, mas se nós tentarmos explicar as Américas somente com a chave africana, nós teremos dificuldades. Por exemplo, não se pode explicar o Jazz somente com a África. É verdade que não podemos fazê-lo sem a África. Assim, vemos que essa complexidade excedia a simples transposição de um nascimento africano no mundo americano. Então, Glissant começou propondo a ideia de Antilidade. Isso significa que sim, existe uma presença africana, mas vamos ver no que ela se transformou nesse espaço americano ou antilhano. E quando ele começou a investigar – o que Fanon<sup>5</sup> já propunha há muito tempo, investigar e fazer o inventário da realidade – ele propôs a ideia de criouliização, que é a conjunção massiva, acelerada e brutal de várias entidades antropológicas, culturais, civilizacionais, religiosas, espirituais, filosóficas, etc. Uma espécie de magma antropológico que se esmaga. Existiria aqui a necessidade de distinguir a criouliização americana e o que aconteceu no mundo antigo. Todas as culturas, todas as civilizações, todas as línguas são processos de aglutinação antropológicos, culturais, identitários. Mas isso acontecia em modalidades relativamente estáveis, talvez com algumas colisões e confrontos, mas durante períodos temporais relativamente lentos [...]. Nós chegávamos assim a transformações praticamente insensíveis, mas que não questionavam o imaginário do absoluto que acompanhava progressivamente essas culturas. Porque, de fato, o princípio do vivo, é que percebemos que sempre há forças de vinculação e forças de dispersão. O cosmo se formou por uma dispersão fundadora e, ao mesmo tempo, nessa dispersão que continua, temos processos de aglutinação que criaram vida. O mesmo pode ser dito sobre organismos unicelulares [...] A mesma coisa acontece para as culturas. Há, simultaneamente, o princípio de relação, já que todas as culturas se informam mutuamente [...], mas, ao mesmo tempo, essas comunidades e culturas vão desenvolver processos conflituosos. E nós nos damos conta de que o princípio relacional é, como o

---

<sup>4</sup> Ideólogo martiniquês do conceito de negritude, defensor maior das raízes africanas e militante anticolonialista, Césaire foi ainda um dos maiores poetas surrealistas do mundo.

<sup>5</sup> Frantz Omar Fanon foi um psiquiatra, filósofo e ensaísta marxista da Martinica, de ascendência francesa e africana. Engajado na luta pela independência da Argélia, ele foi também um influente pensador sobre a descolonização e a psicopatologia da colonização.

princípio do vivo, fundamentalmente um princípio de solidariedade conflituosa, de complementariedade antagonista, de junção e de dispersão. E, uma vez que compreendemos essa complexidade, nos damos conta de que o que Edouard Glissant propõe com a noção de “Todo-Mundo”, quando ele diz que a filosofia fundamental dessa percepção é a ideia de relação, percebemos que não entramos nessa espécie de regozijo, na qual somos todos irmãos, mestiços, etc., mas que na realidade entramos numa complexidade onde o princípio poético seria que a ideia de relação seria, de uma certa forma, a ética da mundialidade. Porque são ao mesmo tempo valores e discernimentos. Valores sobre a ideia que doravante estamos em relação e de que devemos utilizar essa relação para alcançar um novo grau de humanização [...] e ao mesmo tempo discernimentos, porque sabemos que tudo isso vai se realizar no conflito, nas oposições, nas complementariedades que se opõem, que é a dinâmica do vivo e, portanto, nas sociedades contemporâneas. Então, vemos bem o percurso/caminho: a criouliização como processo global, as emergências singulares que são as crioulidades, tudo isso nos levando ao princípio de relação que nos esclarece sobre o princípio de mundialidade.

**A. Chauite:** De fato, nós vemos bem esse caminho. Tentemos, entretanto, contextualizá-lo. Esse princípio determinou, por exemplo, as identidades de maneira localizada. Ele determinou, dentre outras, na fase histórica das Nações e Estados-nações, identidades nacionais que se reivindicaram ser identidades homogêneas em oposição a outras identidades nacionais. Ora, hoje em dia, nós nos encontramos em uma espécie de transformação das fronteiras que estruturaram essas identidades nacionais. E nós nos encaminhamos, sem dúvida, em direção a algo parecido com o arquipélago que você menciona, de uma visão arquipelágica das identidades e das culturas. Isso é uma questão de interesse extraordinário não somente para os Estados e nações, mas que atravessa também os indivíduos. Há uma espécie de efervescência das identidades que, ao mesmo tempo, gera mecanismos defensivos de resistência e aberturas, criatividades possíveis, o que poderíamos chamar, assim como Deleuze, de devires<sup>6</sup>. Essa noção de devir me parece carregar hoje em dia horizontes de possibilidades) como aquele de “Todo-Mundo”. Como você lê essas questões e esses conflitos concretos e contextualizados da atualidade?

**P. Chamoiseau:** Acredito que é Morin que diz, numa frase muito bonita, que sempre temos que colocar as coisas no seu contexto e no complexo. Se conseguirmos fazer isso, estaremos mais ou menos num mínimo de retidão. Então, sempre, não ignorar o contexto e tampouco a complexidade por trás dele. Em seguida, uma coisa que temos de especificar e que, justamente, vai aumentar o grau de complexidade, é que, à medida que as culturas e que os fatos antropológicos caminhavam em direção a uma consciência global de si próprios, havia um outro processo que também é natural em todas

---

<sup>6</sup> Devir é um conceito ontológico filosófico (série de mudanças por vir) e é também um dos principais conceitos da obra do filósofo francês Gilles Deleuze.

as aparições antropológicas: o processo de individuação. Uma cultura é uma interação entre uma proposta comunal e uma reinterpretação individual. O indivíduo faz a sociedade que o faz. Dessa forma, é claro que o fato capitalista e o mercado tendem a acelerar essa individuação, porém essa individuação é um processo natural de ampliação de Sapiens e da consciência individual [...] Em seguida, o que complica a situação, é que nós estamos transportando fenômenos culturais, civilizacionais, políticos, econômicos, ecológicos de acordo com um princípio que não é mais unicamente comunal, mas segundo um princípio de individuação. Ou seja, as sociedades são sempre constituídas de fenômenos de inter-realimentação cultural, mas também de fenômenos de inter-realimentação individual. E se nós perdermos essa ideia de que doravante precisamos tentar pensar nas coisas a partir de uma concepção individual ou tentar individualizar as coisas, nós perderemos uma dimensão da complexidade. Agora, será que isso quer dizer que as comunidades culturais vão desaparecer ou que a ideia de densidade cultural vai desaparecer? De modo algum. O que eu penso é que uma densidade cultural ou uma língua ou uma tradição ou um modo de cozinhar ou um modo de fazer música vão se manter, não de maneira monolítica ou harmoniosa como poderia ser feito no passado por indivíduos nascidos em um lugar, se reconhecendo a partir de uma tradição comum, mas uma língua poderá ser defendida por qualquer pessoa. Nós já entendemos que, atualmente, nesse vasto magma cultural, antropológico, se quisermos defender nossa língua crioula, não poderemos ser os únicos, é necessário que qualquer indivíduo que tenha afinidades nesse feixe relacional do imaginário da diversidade, que sinta um entusiasmo pela língua crioula ou realidades americanas ou alguém que se sinta atraído pelas línguas magrebina ou outras o façam. É preciso que essas aglutinações sejam os melhores defensores das realidades culturais da atualidade. Logo, na ideia do imaginário da diversidade, não se trata de entrar numa espécie de redemoinho no qual todo mundo é confundido com todo mundo, mas trata-se de manter essas emergências e riquezas que foram maravilhosas, essas culturas, essas visões do mundo, essas línguas, essas músicas, mas dando um jeito para que elas pertençam a todos e que todos, segundo modalidades de imaginários individuais, virem seus defensores. A partir daí, entramos numa complexidade mais interessante. E percebemos que as comunidades mais viáveis – porque é claro que sempre teremos a tentativa comunal baseada na religião, na cor da pele, frequentemente baseada na condição econômica – serão aquelas que se estruturarão por impulsos de imaginários: o que nós defenderemos juntos, aquilo em que acreditaremos juntos, aquilo que construiremos juntos. Isso será muito mais ligado aos nossos desejos, nossa corresponsabilidade, nossa solidariedade, nossa concepção, nossa estética e nossa ética individual. A construção de um princípio íntimo de cultura, de civilização e de valores se faz sobre bases individuais. De repente, a preservação absolutamente essencial de culturas diferentes, de línguas diferentes, de civilizações diferentes se faz também sobre dinâmicas individuais. É por isso que precisamos promover o imaginário da

diversidade.

**A. Chaouite:** Isso me fez pensar na distinção que Abdelkébir Khatibir, escritor e filósofo marroquino, faz entre tradição e tradicionalismo. A tradição é de certa forma somente o estado atual de uma individuação ou de uma singularização que deve ser defendida como elemento de diversidade, porque ela não tem nada a ver com o tradicionalismo que buscaria congelar essas individuações numa intemporalidade. Agora eu gostaria de saber qual sua reação a uma outra questão que atravessa essas problemáticas nos diversos discursos e as tentativas diversas que tentam compreender e defender as modalidades dos devires hoje em dia. É o desafio transmitido pela palavra “reconhecimento”. Você se inscreve nessa temática de reconhecimento e, justamente, no que ela supõe em termos de imaginário político?

**P. Chamoiseau:** Não é uma palavra sobre a qual eu refleti muito, mas eu vejo bem qual é a ideia. Eu penso que se nós conseguirmos passar [...] desse imaginário absoluto, “de raiz única” como diz Glissant, ao imaginário da diversidade, nós nos encontraremos numa disponibilidade de espírito, de percepção, de contato, de relação, de troca, de aceitação, de hospitalidade e nós acabaremos reencontrando princípios que são princípios de valores naturais absolutamente essenciais [...] A natureza humana, de maneira ligada à sua sobrevivência, obrigou as culturas a desenvolverem valores de hospitalidade, de bondade, de desconfiança e de acolhimento do estrangeiro, etc. O que faz com que a simples ideia de reconhecimento, para mim, seja algo que deva ir muito além da ideia que os colonialistas nos inculcaram que é a ideia da percepção do outro baseada na sua transparência. Como por exemplo a ideia de integração. Quando se diz que é necessário integrar o imigrante, temos a impressão que temos que torná-lo transparente, retirar tudo o que ele tem de “bárbaro”, tudo o que ele tem de ilegível, de indecifrável e de torná-lo um pouco mais compreensível. Basicamente, ele fala uma língua bizarra e vamos lhe pedir que aprenda nossa língua antes de entrar. E entramos assim num processo de “desintegração” [...] Eu acho que para dar à ideia do reconhecimento uma vibração poética ou para fazer dele uma arte de viver como você diz, temos que defini-la, como propõe também Glissant, como a aceitação da opacidade do outro [...] Quando vemos como os grandes países ocidentais constroem suas políticas de integração, vemos que eles o fazem sob modalidades de “reconhecimento” - porque nós evoluímos um pouco: falamos de diversidade, mestiçagem, etc. – mas eles vão querer ainda assim retirar a opacidade. Nós reconhecemos; porém, reconhecemos retirando todo tipo de zona de sombra ou de zona indecifrável ou ilegível. E eu acho que ir no sentido da ideia de reconhecimento significa que ultrapassamos também a simples ideia de tolerar as diferenças. [...] O direito à opacidade ou à exaltação da opacidade é algo que deve entrar na poética da ideia de reconhecimento [...] Reconhecer, para mim, é dizer “eu posso te amar”, “eu posso trabalhar com você”, eu posso viver com você sem te reduzir a uma transparência total, te deixando com suas opacidades. E se nós não mantivermos esse direito à opacidade ou esse louvor à opacidade, nós entraremos progressivamente num desgaste da diversidade. Dito isso, uma outra noção que me parece importante e que tem de ser especificada, é a

noção de diversidade. Frequentemente, no nosso imaginário monolítico, diversidade quer dizer “não temos a mesma língua, a mesma cor de pele, não comemos da mesma forma, temos tradições diferentes, etc.”. O que é verdade, isso é a diversidade inicial. Mas ao entrarmos na área nublada, intermediária, onde o trans-retroativo, a desordem, o caos genésico está operando no fato antropológico carregado pelas individuações, percebemos que as coisas se complicam. Vou dar um exemplo. Eu tenho a pele negra, então se ficarmos na diversidade inicial, podemos dizer: “bem, ele tem a pele negra, vamos colocar um branco de um lado, um amarelo do outro e teremos diversidade». Só que teremos pessoas com cores de pele diferentes, mas que raciocinam da mesma forma. Utilizamos o exemplo com Glissant de Condoleezza Rice<sup>7</sup>, que tem a pele negra, mas que é tão *yankee*, tão dominante, tão conquistadora, tão racista quanto George Bush e percebemos então que os marcadores identitários tradicionais como a língua, a cor da pele, as origens ou a tradição não são suficientes para inscrever uma diversidade fundamental [...] A verdadeira diversidade de hoje se situa nas estruturas do imaginário. Outro exemplo: não tenho nada contra as pessoas da televisão, mas colocaram apresentadores que têm a pele negra, isso ou aquilo, mas eles têm os mesmos gestos, falam da mesma maneira, têm a mesma visão da informação. Onde está a diversidade? [...]. Uma vez que ultrapassamos essa ideia um pouco elementar de culturas diferentes, etc. e que entramos verdadeiramente na complexidade, percebemos que precisamos encontrar outra definição da diversidade que seja baseada nas estruturas do imaginário. As novas aglutinações, o vínculo das sociedades, serão feitos sobre as modalidades do imaginário.

**A. Chaouite:** Eu evoquei que você também era assistente social. Nesse aspecto, o que você acaba de dizer, especialmente em termos críticos dessa palavra de ordem da política atual que é a “transparência”, que temos uma tendência a colocar em toda parte mesmo quando isso nos afasta da complexidade, como isso poderia se traduzir justamente numa política de diversidade? Sobre quais princípios uma política de diversidade poderia ser implementada de forma concreta, especialmente na área social, por exemplo?

**P. Chamoiseau:** Seria muito difícil lhe responder. Foi por isso que sua ideia de arte de viver realmente me encantou. Eu acho que temos tantas complexidades hoje em dia que a ideia de arte é absolutamente essencial. [...] Todas as ciências humanas, por exemplo, entraram numa fase de complexidade antropológica tamanha que somos quase obrigados a recorrer à ideia de arte [...]. Quanto a saber como podemos organizar uma política, eu sempre tento não me precipitar muito sobre essas noções. Porque é importante projetar - o que nós estamos fazendo, de certa forma, e o porquê de eu dizer que sou um guerreiro do imaginário. Eu tento projetar meu imaginário; de qualquer forma liberá-lo das antigas estruturas para projetá-lo o mais longe possível, inscrevendo uma poética ou uma arte da minha existência, porque eu acredito que se conseguirmos viver essa arte da existência e se conseguirmos irradiar, é isso que vai constituir naturalmente processos de implantação de políticas. Mas você tem razão quando diz que não temos tempo a perder

---

<sup>7</sup> Gonsolida Rice no texto original.

e é essa a dificuldade. [...]. Eu venho de uma escola [...] primária na qual as crianças chegam de toda a parte, com cores de pele diferentes, etc., e os professores me contavam que quando pediam a participação de uma criança que falava árabe, essa criança tinha medo ou vergonha ou recusava essa espécie de quase estigmatização. Sendo que na realidade é virtuoso, já que queremos fazer emergir a diversidade. Mas a criança vive isso mal, ela não ousa escrever sua própria língua, não ousa falar a língua, ela a recusa, a esconde, etc. Logo, percebemos que as escolas que recebem crianças da diversidade estão desintegrando-as, porque o imaginário dessas escolas ainda é a reprodução de um modelo único, ou seja a reprodução dos princípios culturais franceses que devem resultar no final em pessoas capazes de viver num mundo francês. Ora, o problema é que, no fim da escola, não é simplesmente um mundo francês que encontramos, é um mundo de diversidade caótica. Assim, é preciso transformar as coisas urgentemente, é preciso encontrar uma pedagogia da diversidade e uma política da diversidade. Acredito que isso é algo que preocupa as políticas culturais [...]. Parece-me que a política cultural deve ter uma palavra de ordem: primeiramente descobrir o fato Mundo, ou seja, transportar os imaginários ao fato que seguimos no mundo; levar a refletir dia após dia, semana após semana, noite após noite, no teatro, na música, nas pinturas, etc. sobre a diversidade, sobre toda a riqueza do mundo; mostrar o que há de relacional entre todas essas diversidades, seu espaço relacional. Aí também existe um campo vasto onde se pode mostrar como se fazem as mestiçagens, a beleza e angústia que isso produz, mas emergências também. Esses são princípios de uma política que me parecem interessante. E o outro elemento consiste em mostrar que existe um processo de individuação que não pode ser reduzido ao egocentrismo, ou ao egoísmo ou ao individualismo, mas que é um processo que pode se dividir em feixes de solidariedade, de trocas, de compartilhamento e de construções solidárias...

**A. Chaouite:** O que supõe, e isso é verdadeiramente a questão do imaginário, já sair da categoria do pensamento de antes. Porque, mesmo se começarmos a falar de diversidade, de interculturalidade, etc., como você evocava, continuaremos a pensar em termos de conteúdo dessa diversidade. O que cria frequentemente, e inclusive, problemas políticos. Quando na verdade se trata de trabalhar na própria maneira de pensar a diversidade, construir um pensamento-diversidade, de certa forma. É preciso mudar nossas categorias de pensar que são frequentemente ainda dicotômicas demais, por exemplo: “nós”/ “eles”, “preto”/ “branco”, etc. É muitas vezes um pensamento mecânico do 0/1. É por isso que essa noção de “guerreiro do imaginário” que você apresenta, e que eu acho ao mesmo tempo poeticamente genial e extremamente forte, me parece ser uma alavanca para sair da dicotomia. Porque, senão, o que acontece é que nós continuamos a pensar nas realidades de diversidade como realidades negativas: bairros difíceis, realidades violentas, etc. A diversidade dá lugar, assim, a um pensamento de conteúdo vazio, de uma falta de algo, por exemplo de integração. Por conseguinte, é preciso integrar essas pessoas. Quando na verdade, precisamos tentar romper essa ideia de integração baseada numa

categoria de pensamento dicotômica para introduzir realmente uma verdadeira “integração” que é a diversidade e sua complexidade.

**P. Chamoiseau:** O outro fato sobre o qual temos que refletir é que nas nossas sociedades, as zonas de condições sociais difíceis são as zonas onde os desejos de identificação, de afirmação, em suma, o desejo de dar um sentido à vida que é desordenada por dificuldades, realça essas noções de diversidade, que desaparecem de fato, uma vez que somos instalados numa estabilidade burguesa. Porém, se fazemos a camada arqueológica da arte contemporânea, a música por exemplo, percebemos que não existe nenhum grande músico atualmente que não tenha mobilizado todas as práticas do mundo, todas as técnicas e que não as tenha reinterpretado segundo modalidades prodigiosas, de qualquer forma imprevisíveis e que destacam a genialidade individual. [...]. Parece-me que uma política da diversidade é primeiramente uma política de vincular tudo que está separado. Cada vez que um novo mundo aparece, uma sociedade nova, uma organização nova, significa que o que estava dissociado por forças de difração antagonistas conseguiu encontrar modalidades de vinculação. Uma política de diversidade é uma política de vinculação. Essa é uma das tarefas do guerreiro do imaginário: vincular. Sempre encontrar um vínculo, a junção, mesmo que – e principalmente – entre o que parece incompatível e oposto. Encontrar uma maneira de articular processos relacionais, processos de negociação, de respeito e de reconhecimento. E entrar por aí num processo de emergências [...] A emergência é constituída por jorros de inesperados, de imprevistos que não nos dá mais medo. E é o imaginário da diversidade que nos permite apoiar o surgimento do impensável e do imprevisível, e nos dizer o que podemos fazer, como podemos ligar isso ao que existe e como podemos continuar avançando.

**A. Chaouite:** Você poderia especificar/desenvolver essa ideia de “guerreiro do imaginário”?

**P. Chamoiseau:** Eu acho que é preciso fazer uma distinção entre o rebelde e o guerreiro. O rebelde tenta transformar os termos de uma dominação. Eu sou oprimido, minha língua é dominada por um outro, eu estou numa condição social difícil, etc., eu tento derrubar os termos da dominação, de invertê-los. Como durante as independências dos anos 50: expulsamos os brancos e colocamos outras pessoas, mas reproduzimos o mesmo sistema. Por isso, o espírito colonial não mudou e a ordem do mundo, isto é, a ordem ocidental, foi fundamentalmente reconfortada pelas independências porque lidávamos com rebeldes que simplesmente invertem as modalidades da dominação do Ocidente. [...] O rebelde está numa lógica de absolutos que se contradizem e que se derrubam e se invertem. Isso não nos leva a nada porque nós nos mantemos na mesma relação.

O guerreiro procura se afastar mantendo um espaço que poderíamos caracterizar de determinante, quase uma arte de existência. Claro que o termo “guerreiro” pode chocar certas pessoas, mais quando olhamos todas as culturas arcaicas e até mesmo as culturas históricas, a ideia de guerreiro é a ideia daquele que sempre teve enorme coragem, que esteve quase à frente em relação à estabilidade da sociedade e que reproduzia a quintessência de todos os valores naturais, as mais belas, as mais completas, quase uma

arte. Um samurai, por exemplo, era quase um artista. Consequentemente, se retirarmos a dimensão guerreira, percebemos que há por trás toda uma filosofia relacional extremamente preciosa. O que distingue, então, o rebelde do guerreiro é que o guerreiro sabe que o problema não é derrubar os termos da dominação, e sim dar um jeito para que toda dominação seja doravante impossível e não encontre mais oxigênio. Não nos opomos a uma língua que domina outra derrubando a que domina, substituindo-a pela língua que era dominada, e sim transmitindo a nossos filhos, e a nós mesmos se possível, um imaginário multilíngue que nos tornaria apaixonados, de maneira tanto fantasmática quanto concreta, por todas as línguas do mundo. Isso muda tudo. E o imaginário multilíngue, para continuar nessa área, é importante porque não é pelo fato de sermos políglotas que temos um imaginário. Podemos ser políglotas e tratar as línguas como objetos um do lado do outro. O imaginário políglota é essa espécie de poética ou essa arte de vida que nos permite, nessa imensa resplandecência de línguas, de culturas, etc. estar disponível para captar tudo aquilo que nos convém, para ir com impulsos de amor em direção ao que nós podemos resgatar para nos construir. E temos que nos construir individualmente, é o que constitui o guerreiro: ele se constrói de maneira individual num campo aberto que é o imaginário. Seu campo de batalha é o campo do imaginário da diversidade.

E no imaginário da diversidade, nesse momento, não há nenhum oponente, não há uma guerra para lutar, há apenas vitórias a encontrar [...]

Trecho de uma entrevista com Patrick Chamoiseau, por Abdellatif Chaouite realizada na ação « Fazer o mundo com o Outro », iniciada pela *Maison des Passages* (Lyon) no contexto do Contrato Urbano de Coesão Social, publicada no periódico **Ecarts d'identité**, Grenoble: n°112, p. 25-34, junho, 2008.

**Recebido em: 02/05/2017**

**Aprovado em: 08/08/2017**

**Publicado em: 01/12/2017**